

# A DIVINDADE NA FILOSOFIA ARISTOTÉLICA, PLATÔNICA E NEOPLATÔNICA: SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE SUA HERANÇA À FILOSOFIA CRISTÃ

Thiago Staibano Alves<sup>458</sup>

**Resumo:** Este artigo visa fazer uma breve comparação entre os conceitos de Deus na filosofia aristotélica e na platônica e neoplatônica através da revisão de alguns textos de Aristóteles, Platão e Plotino. Com isto, visa-se entender o motivo pelo qual a noção platônica e neoplatônica de divindade tenha sido mais aceita pela cristandade do que a aristotélica, mesmo em períodos históricos nos quais a obra de Aristóteles era de mais fácil acesso aos pensadores cristãos. Conclui-se que a visão de um Deus não criador, apenas causa final do mundo, e fechado em si mesmo, não se harmonizava com a tradição mosaica trazida como base ao Cristianismo. O platonismo/neoplatonismo, por sua vez, trazia um entendimento de perfeição como necessitando uma ação fora de si, a ideia de criação do mundo pelas Formas e o conceito de Unidade como base fundamental da existência, ideias que dialogaram mais facilmente com as escrituras cristãs.

**Palavras chaves:** Aristóteles. Platão. Plotino. Patrística. Escolástica.

**Abstract:** This article aims to make a brief comparison between the concepts of God in Aristotelian and Platonic/Neoplatonic philosophy through the review of texts by Aristotle, Plato and Plotinus. With this, the aim is to understand why the Platonic/Neoplatonic notion of divinity came to be more accepted by Christianity than the Aristotelian one, even in historical periods in which Aristotle's work was more easily accessible to Christian thinkers. It is concluded that the vision of a non-creator God, only the final cause of the world and not, and closed in on himself, did not harmonize with the Mosaic tradition brought as the basis of Christianity. Platonism and Neoplatonism, in turn, brought an understanding of perfection as requiring an action outside itself, the idea of creating the world by Forms and the concept of Unity as the fundamental basis of all existence, ideas that seemed to dialogue more easily with Christian scriptures.

---

<sup>458</sup> Graduando do curso de bacharelado de Filosofia da Universidade Católica de Brasília (UCB). Email: [staibanoalvesthiago1@gmail.com](mailto:staibanoalvesthiago1@gmail.com).

**Keywords:** Aristotle. Plotinus. Plato. Patristics. Scholasticism.

## **Introdução**

A filosofia aristotélica e a platônica/neoplatônica foram três das maiores correntes de pensamento da história ocidental, e deixaram um legado que foi retomado e debatido por muitos pensadores posteriores. Entretanto, ao falarmos de filosofia cristã, pareceu ter existido por parte dos pais da Igreja uma predileção pela filosofia de ordem platônica e neoplatônica em relação à filosofia aristotélica, principalmente no que diz respeito às concepções sobre a divindade. Grandes nomes da Patrística, como Justino, Clemente de Alexandria, Orígenes, Santo Agostinho e Dioniso Pseudo-Aeropagita mostram a forte influência do pensamento platônico e neoplatônico em seus escritos (BOHENER e GILSON, 2012). A Primeira Escolástica ainda denota uma pujante influência neoplatônica, perceptível nos escritos de João Scoto Erigena e Santo Anselmo (BOHENER e GILSON, 2012). Até mesmo durante a Alta Escolástica nos séculos XIII e XIV, quando há um maior conhecimento das obras de Aristóteles por parte dos pensadores cristãos, a inclusão da concepção de Deus da filosofia peripatética ocorre com uma harmonização com os elementos platônicos e neoplatônicos já anteriormente presentes na tradição filosófica do cristianismo, que haviam sido extensamente incluídos nos períodos da patrística e de parte da Idade Média (BOHENER e GILSON, 2012).

Com isto, este artigo pretende trazer, inicialmente, um pequeno esboço comparativo das concepções que Aristóteles, Platão e Plotino (o maior representante do neoplatonismo) tinham em relação à divindade. Através deste apanhado almeja-se, sem esgotar um debate de extensa ordem, que englobaria demais conceitos das filosofias aristotélicas, platônicas e neoplatônicas, além de acontecimentos de ordem cultural e política, (como a proibição das obras de Aristóteles por parte da Igreja em certo período da Idade Média), lançar certa luz nos motivos que possam ter levado os filósofos cristãos a preferirem uma maior parte do corpo filosófico platônico e neoplatônico frente ao aristotélico.

## **Aristóteles**

Um dos principais filósofos da Antiguidade Clássica, Aristóteles possui uma vasta obra, com um corpo filosófico surpreendente ao englobar estudos de áreas diversas como a zoologia,

botânica, lógica, psicologia, física e metafísica (REALE, 2007b). Discípulo de Platão, sua obra teve uma grande influência na história da filosofia, tendo sido retomada por pensadores de praticamente todos os períodos filosóficos, inclusive na filosofia contemporânea. Durante a Idade Média, sua obra se viu também grandemente apreciada no mundo árabe (REALE, 2007b).

Em uma de suas áreas de estudo, a metafísica, na qual Aristóteles faz uma extensa exposição daquilo que ele chama de “substância”, suas categorias, e das chamadas “causas primeiras”, Aristóteles também, segundo Reale em seu Ensaio Introdutório à Metafísica, “lançou as bases da teologia racional” (ARISTÓTELES, 2014, p. 111). Esta base consiste em um estudo racional daquilo que é chamado por Aristóteles de “Primeiro motor”, a substância suprassensível, Deus.

### **O Primeiro Motor aristotélico**

O Deus aristotélico possui um conjunto de características que foram pensadas por Aristóteles logicamente e fazendo sentido em sua visão de mundo já definida em outras obras, como em sua Física (ARISTÓTELES, 2014). No mundo físico em movimento, na visão aristotélica, apenas duas coisas seriam eternas, não estando sujeitas a um começo ou fim: o tempo e o próprio movimento. Ambas então precisariam ter uma causa, que eterna, as causariam eternamente, e que por ser a fonte de todo movimento, deveria ser totalmente imóvel, pois se não o fosse, seria apenas mais um elo dentro da cadeia de eterno movimento que constitui nosso mundo físico e sensível. Desta forma, Deus é esta substância eterna, imóvel, e transcendente, e transcendente porque, diferente das demais substâncias do mundo físico sensível, Deus seria uma substância suprassensível (ARISTÓTELES, 2015).

Aqui, é importante entendermos o que a transcendência do mundo suprassensível significa na obra aristotélica. No mundo sensível, as substâncias nele existentes são compostas tanto de forma como de matéria, aquilo que é chamado de causa formal (a essência que definirá a estrutura do ser, como a “Alma” para os seres vivos), e de causa material (a matéria da qual algo em determinado é formado) (ARISTÓTELES, 2015). Já no mundo suprassensível, não há a matéria, e Deus, o primeiro motor, é pura forma, ou puro pensamento. (ARISTÓTELES, 2015).

### **Deus como Causa Final e não como Causa Eficiente**

Algo importante sobre a noção de Deus em Aristóteles é a forma na qual o filósofo explica como, sendo imóvel, a divindade consegue gerar todo o movimento existente no mundo sensível. Para explicar tal aparente contradição, Aristóteles vai se utilizar da analogia entre um amante e seu objeto de amor, e explicar que assim como o objeto de amor move o amante sem se mover, Deus, o motor imóvel, move a todo o mundo, pois ele é o “objeto de amor e desejo” do mundo (ARISTÓTELES, 2015). Este “objeto de amor e desejo” do mundo seria o Bem Supremo, aquele bem para o qual todos os seres se dirigem e desejam, pois todos eles, de alguma forma, buscam o Bem como uma causa final. Como bem cita Reale em sua introdução a *Metafísica* de Aristóteles (2014), o Deus aristotélico, apesar das tentativas de interpretação de alguns comentadores, não é causa eficiente do mundo (a causa que o origina), mas sim, sua causa final, a causa para o qual todo o mundo se dirige como o seu fim. Isto, por sua vez, não coloca o Deus de Aristóteles como o criador do mundo sensível. Para este mundo, segundo a visão de Aristóteles, não haveria um começo. Nas palavras de Reale, em sua introdução à *Metafísica*:

O mundo, mesmo que seja inteiramente influenciado por Deus, pela atração que Ele exerce como fim supremo, portanto, pelo desejo do perfeito, não teve começo. Não houve um momento no qual havia o caos (o não cosmos) (...) (ARISTÓTELES, 2014, p.115)

### **Aquele que pensa somente a si próprio**

Uma outra característica do Deus aristotélico suscita uma outra questão: se Deus é pura forma, puro pensamento, qual seria o conteúdo deste pensamento? O que ele pensaria? Se Deus é um Ser perfeito, tal Ser, segundo Aristóteles, só poderia pensar a si mesmo. Nas palavras de Estagirita: “Se, portanto, a Inteligência Divina é o que há de mais excelente, pensa a si mesma e seu pensamento é pensamento de si mesmo” (ARISTÓTELES, 2015, p. 577). Pensando apenas o que há de mais perfeito, isto é, a si mesmo, é impossível para o Deus aristotélico também pensar o mundo nas suas imperfeições ou naquilo que existiria de mais indigno. Assim, pode-se concluir que os próprios indivíduos, em suas limitações e imperfeições, não seriam conhecidos pelo Deus de Aristóteles, já que tal pensamento para ele seria impensável (ARISTÓTELES, 2014).

## Platão e a divindade

Assim como seu discípulo Aristóteles, Platão foi um dos maiores nomes da filosofia ocidental. Sua obra consiste, em sua maioria, de diálogos que tratam questões como as leis, o governo, o belo e a beleza, o amor, entre outros tantos temas (REALE, 2007a). Como a principal base para os filósofos neoplatônicos e outras correntes de pensamento, a filosofia de Platão foi também constantemente retomada e atualizada em demais períodos da história da filosofia (REALE, 2007a).

Aquela que é possivelmente sua teoria mais famosa, a teoria das Ideias ou Formas, também está intimamente ligada à forma na qual Platão fará a exposição de sua concepção da divindade. Esta encontrará sua explicação mais detalhada e pormenorizada no *Timeu*. Neste diálogo entre Sócrates, Critias, Timeu e Hermócrates, o personagem Timeu coloca a questão entre o ser e o vir a ser, e de que o vir a ser, que é associado no diálogo ao nosso mundo sensível e material, deve ter vindo a existir por meio de alguma causa (PLATÃO, 2012). Assim, postula-se a existência de um criador, e fazendo a conexão com sua teoria das Formas ou Ideias, este mesmo criador, ao criar o mundo, o fez baseando-se em um protótipo ou arquétipo perfeito. Este arquétipo, as Ideias ou Formas existentes por si mesmas, são diferentes do vir a ser da criação, que está em constante movimento e transformação: elas são estáveis, imutáveis e eternas, o verdadeiro Ser, sendo passíveis de descoberta através da racionalidade (PLATÃO, 2012). A justificativa para que o universo criado tenha sido moldado através das Formas ou Ideias é clara, e é expressa por Platão neste diálogo nas palavras de Timeu: “Quando o artífice de uma coisa, ao criar sua forma e função, conserva seu olhar, empregando um modelo, no que é perpetuamente imutável, a coisa criada resultante é necessariamente bela.” (PLATÃO, 2012, p. 42). Desta forma, sendo o universo belo, ele só pode ter sido criado baseando-se naquilo que é “perpetuamente imutável”, as Ideias.

Para Platão, porém, não só o modelo utilizado como forma a se criar o universo é belo, mas belo e bom também é seu criador. Este criador, ao ser bom, desejou criar um universo que fosse à sua imagem. Isto fica expresso novamente nas palavras de Timeu:

Bem, estabeleçamos agora a causa de o construtor haver construído o vir a ser e o universo. Ele era bom, e aquele que é bom jamais se mostra malevolente com coisa alguma; e sendo desprovido de malevolência, ele desejou que tudo fosse o mais semelhante possível a ele. (PLATÃO, 2012, p.45)

Assim, a teoria platônica da criação e divindade postula, em sua base, um universo que é construído com base em princípios eternos e belos, por um construtor que, ele mesmo bom, e almejando criar algo igualmente bom, fixa seu olhar nestas formas, e (assemelhando-se ao trabalho de um artesão, um *Demiurgo*), tira o universo de seu estado inicial de desordem para uma ordenação baseada no modelo de sua construção (PLATÃO, 2012).

### **Plotino**

O maior representante da filosofia neoplatônica, e um dos grandes influenciadores do pensamento ocidental, principalmente na Antiguidade e na Idade Média, Plotino nasceu no Egito, mas foi em Roma que a maior parte de sua produção filosófica floresceu. Indo para Alexandria aos 28 anos, ele foi apresentado às correntes do pensamento filosófico de sua época, principalmente ao Platonismo, por vias de seu instrutor Amônio Sacas (175-242 D.C), e é dele que podemos dizer que veio a maior influência sobre o pensamento plotiniano (PLOTINO, 2002).

A sua filosofia foi vista por ele como fazendo parte do grande corpo filosófico do pensamento platônico, que desde o século I D.C, vinha passando por um momento de renascimento no qual seus pensadores não só retomavam o pensamento de Platão, como o associavam e expandiam através de conceitos tirados das obras de Aristóteles e de demais autores (REALE, 2008).

Desta forma, podemos fazer um apanhado das concepções neoplatônicas sobre a divindade, indicar suas heranças platônicas e compará-las com a concepção de Deus enquanto Primeiro Motor proposta por Aristóteles.

### **O Bem-Uno de Plotino e sua comparação com o Primeiro Motor aristotélico**

Como base do pensamento neoplatônico temos o conceito de Hipóstases. Elas seriam níveis da realidade ou da existência, cada uma delas tendo suas próprias características, e sendo criadas por aquela que veio imediatamente antes de si através de um processo de “emanação” ou de “transbordamento de sua essência ao tornar-se perfeita”, pois nas palavras do próprio Plotino: “(...) quando algo chega à perfeição, vemos que começa a gerar, pois não é capaz de permanecer fechado em si mesmo e engendra algo mais.” (PLOTINO, 2002, p.56)

No alto deste sistema de Hipóstases, encontra-se aquela que é a primeira e anterior à todas as outras, existente por si mesma, transcendente e fonte de toda criação posterior: o Bem-Uno. Ela é o Bem, pois sendo perfeita, é o bem para o qual todas as ações de todos os outros seres do mundo se dirigem e desejam (PLOTINO, 2002). Devido a sua perfeição, não há nada possível que ela poderia desejar, a não ser a si mesma. Assim como no caso do Primeiro Motor de Aristóteles, que também é o Bem que todos os seres aspiram, o Bem-Uno de Plotino não se move, mas move o mundo por ser por ele desejado (PLOTINO, 2002). Esta Hipóstase também é Unidade, pois para explicar toda a multiplicidade e complexidade de seres existentes no mundo, deve existir um ser anterior que foi o mais simples pois “tudo o que não é simples precisa do simples em si mesmo, como o próprio fundamento de sua natureza composta” (PLOTINO, 2002, p.56). Desta forma, o Bem-Uno participa da constituição de todos os demais seres, pois ele é aquele que lhes dá a unidade necessária para poderem existir e continuar existindo.

Aqui, já há uma diferença fundamental com a concepção de Deus presente na obra de Aristóteles, pois o Deus aristotélico, apesar de ser fundamental para explicar o movimento eterno do mundo sensível, não é necessário para explicar a unidade fundamental de cada ser existente. Cada um dos seres individuais, dentro da obra Aristotélica, pode ter sua unidade explicada pelo conceito de “substância” como aquela que, entre as dez categorias do Ser, é a unificadora de todas as demais, a principal à qual todas as outras se referem (ARISTÓTELES, 2015). Por mais que, como afirma Reale em seu Ensaio Introdutório à Metafísica de Aristóteles (2014), a divindade aristotélica tenha conhecimento do Mundo ao menos em seus princípios mais elevados e supremos, isto nada implica que ela seja *necessária* para manter a unidade de cada uma das diversas substâncias (sejam sensíveis ou suprassensíveis) que existem na visão de mundo proposta pelo Estagirita.

Por último, podemos citar uma outra diferença fundamental entre as concepções do platonismo/neoplatonismo e do aristotelismo quanto ao ser divino, que é a sua relação com o mundo material sensível enquanto Ser criador (causa eficiente para a teoria de aristotélica) ou apenas enquanto causa final do universo material. Na obra de Plotino, fica evidente que o Bem-Uno, apesar de ser o Ser para o qual todos os demais seres dirigem seus atos como o Bem Supremo, também é o responsável pelo início do processo de criação do Universo, mesmo que o mundo sensível e material não seja emanção direta de seu próprio Ser (este último seria uma emanção da Hipóstase da Alma ou *Psykhé*). Como já citado anteriormente, todo ser perfeito

jamais permanece fechado em si mesmo, gerando algo através do transbordamento de sua essência. Nas palavras de Plotino: “(...) nada possuindo e nada buscando em sua perfeição, o Uno transbordou e sua superabundância produziu algo diverso dele mesmo.” (PLOTINO, 2002, p. 63). Deste transbordamento surge a Hipóstase da Inteligência (*Nous*), o nível da existência na qual se encontram as Formas ou Ideias da teoria platônica, e da subsequente perfeição e transbordamento desta última surge a Hipóstase da Alma. Ela, através de seu próprio transbordamento, será a fonte e origem do mundo material sensível, que por sua vez, terá sua organização feita pela com base nas Formas ou Ideias presentes na Hipóstase da Inteligência, seguindo assim, a ideia platônica de um mundo material e sensível criado baseado em Formas eternas (PLOTINO, 2002).

Tal concepção de divindade criadora do mundo material através de um ato eficiente é totalmente alheia e estranha à filosofia aristotélica, que, diferente do neoplatonismo de Plotino, vê o Ser Perfeito como completamente fechado em si mesmo, sem nenhuma possibilidade de criação eficiente de algo, apenas eternamente contemplando a si mesmo, um puro pensamento que pensa apenas a si próprio (ARISTÓTELES, 2015).

### **A perfeição em Plotino**

Mas por que, sendo totalmente perfeito, ocorreria o transbordamento do Bem-Uno? O que explicaria o processo de “emanação de sua própria essência” daquele que é o Bem Supremo, e às demais Hipóstases, que “devem imitá-lo [Bem-Uno] na medida de sua capacidade” (PLOTINO, 2002, p.56)? Se para Aristóteles parece completamente impensável um ser que, sendo perfeito, necessita de qualquer tipo de ação para fora de si mesmo, assim igualando perfeição à uma autossuficiência que torna o ser totalmente fechado em si, o neoplatonismo claramente exhibe uma visão diferente do que a perfeição suscita àquele que a tem. Perfeição, para Plotino, implicaria em um movimento de dar-se e de serviço, assim, de voltar-se para fora de si. Em suas palavras: “Então, como o primeiro, o perfeitíssimo Bem, poderia permanecer em si mesmo sem querer dar de si (...)” (PLOTINO, 2002, p. 57). A importância do serviço é expressa também nesta passagem: “Todas as coisas imitam o Primeiro princípio, e buscam a eternidade e o serviço com o máximo de sua força.” (PLOTINO, 2002, p. 56-67). Aqui, é preciso lembrar, como já fora exposto anteriormente, que a concepção da criação como um ato



de bondade saída de um ser completamente bom já era presente na filosofia platônica, da qual Plotino não só se baseia intelectualmente, como considera-se um de seus representantes.

### **A influência no mundo cristão e a questão da criação**

Dadas as bases das concepções platônicas/neoplatônicas e aristotélicas de Deus, podemos fazer algumas ponderações sobre em como elas se harmonizam com a concepção cristã de divindade, e assim, tentar explicar o motivo pelo qual ter ocorrido, mesmo no período da Patrística na antiguidade (na qual o acesso às obras de Aristóteles estavam mais disponíveis do que em grande parte da Idade Média), uma preferência pelo pensamento de ordem platônica e neoplatônica ao peripatético na filosofia cristã.

Inicialmente, um dos pontos de maior divergência entre a filosofia aristotélica e a tradição judaico-cristã centraliza-se na questão de Deus enquanto criador do universo. As escrituras cristãs, ao herdarem a narrativa mosaica da criação do mundo por Deus relatada no livro do Genesis, são claras quanto a ideia de que o universo não é eterno, sem começo ou fim, mas sim, criado por um ato da vontade divina. Esta mesma ideia é retomada no Evangelho de João, no qual o ato criador de Deus se dá através da Palavra, ou *Logos*. Assim, Deus, e não o universo, seria eterno, sempre existente e necessário, enquanto o mundo seria apenas um ato contingente de sua vontade e palavra, podendo ou não existir. Desta forma, se para Aristóteles a divindade não seria causa eficiente do mundo sensível, apenas sua causa final, com o mundo e Deus existindo eternamente, para a filosofia cristã, que não irá contradizer as escrituras, é certa a criação do universo por Deus, sendo este a sua causa eficiente. Claramente, há aqui uma harmonização maior do pensamento cristão com a ideia platônica de criação do mundo pelo Demiurgo, que será posteriormente expandida e modificada no neoplatonismo com a teoria das emanções e transbordamentos do Bem-Uno. Vale ressaltar que tanto Justino quanto Clemente veem a semelhança da narrativa platônica da criação do mundo com a do Deus cristão e, posteriormente, grandes representantes da Patrística como Santo Agostinho e Dionísio Pseudo-Aeropagita vão retomar a ideia platônica e neoplatônica do universo enquanto criado por um ato da divindade, presente em praticamente toda a filosofia cristã (BOHENER e GILSON, 2012). Tal visão é mantida inclusive por aqueles filósofos como Orígenes e Tomás de Aquino que, apesar de postularem a possibilidade de um universo e criações eternos (para Orígenes

como certeza, e Tomás de Aquino como possibilidade), ainda assim não questionam a criação como sendo um ato eficiente do criador (BOHENER e GILSON, 2012).

### **Um ser perfeito que age**

Outro ponto no qual parece existir uma maior harmonização entre as concepções platônicas e neoplatônicas da divindade e a cristã é a concepção de um Deus que age, e que sua ação é manifestação de sua bondade. O Deus aristotélico, apesar de ser o Bem Supremo ao qual todos os seres aspiram e desejam, não expressa este Bem em atos, nem mesmo em um ato criativo inicial (ARISTÓTELES, 2015). No entanto, tanto o platonismo e o neoplatonismo têm uma visão da criação entendida como um ato de bondade ou serviço da divindade, e um entendimento neoplatônico de perfeição que não imagina a possibilidade de que um ser perfeito permaneça fechado em si mesmo, necessitando assim agir, sendo esta ação, no neoplatonismo, a criação (PLOTINO, 2002). É este mesmo entendimento de perfeição e de Bem como algo que age, que também deve ter tornado a tradição platônica e neoplatônica mais facilmente aceitável por uma religião que prega um Deus que não só ama o mundo, mas que age a partir deste amor. Nas palavras de João, em seu Evangelho: “Deus tanto amou o mundo, que entregou seu Filho único, para quem crer não pereça, mas tenha vida eterna” (BÍBLIA, Jo,3,16). Aqui, como bem comenta Reale em sua Introdução à Metafísica de Aristóteles (2014), o Deus aristotélico é apenas amado pelo mundo, mas não o ama, amando no máximo apenas a si mesmo. Boehner e Gilson (2012), em sua *História da Filosofia Cristã*, por exemplo, deixam claro que uma divindade perfeita que ama o mundo é uma concepção que deve ter parecido estranha à Aristóteles, o que, por sua vez, deve ter tornado sua teoria de difícil aceitação no mundo cristão:

Para Aristóteles, a única forma de amor compatível com a razão é a que se realiza por um movimento ascendente, do amante ao amado. Parece-lhe absurdo admitir que um Deus, plenamente satisfeito de sua própria perfeição, seja capaz de amar um mundo imperfeito. (Boehner e Gilson, 2012, p. 18)

### **O Logos e as Formas**

Outro ponto no qual, desde os primórdios do pensamento cristão, ocorreu uma harmonização com a filosofia platônica e neoplatônica foi na identificação do *Logos* divino, a Palavra, e as Ideias ou Formas. O *Logos*, ou Palavra, é expresso por João em seu Evangelho nas seguintes palavras: “No princípio já existia a Palavra [*Logos*] e a Palavra se dirigia a Deus

e a Palavra era Deus” (BÍBLIA, Jo,1,1 e 2). Mais posteriormente este *Logos* também é citado como o meio pelo qual Deus criou o mundo: “Tudo existiu por meio dela [Palavra], e sem ela nada existiu de tudo o que existe” (BÍBLIA, Jo,1,3). As Ideias ou Formas platônicas são anteriores à criação, ainda não materiais ou sensíveis, por meio da qual o mundo material foi criado, e a comparação com o *Logos* Joanino fica novamente evidente na passagem escrita por Paulo em sua carta aos Colossenses, ao se referir a Jesus, aquele é a Palavra, ou *Logos* encarnado: “Ele é imagem do Deus invisível, primogênito de toda criação, pois tudo foi por ele criado, no céu e na terra: o visível e o invisível, majestades, dominações, autoridades e postesdades.” (BÍBLIA, Cl,1,15 e 16).

Assim, não deve ter sido difícil aos filósofos cristãos realizarem a associação entre esta Palavra, o *Logos*, pelo qual não só Deus criou todas as coisas, “primogênito de toda criação” e as Formas da teoria platônica/neoplatônica, os arquétipos que serviram como modelo à criação do mundo sensível, seja pela ação do *Demiurgo* ou da Alma. Neste ponto, a filosofia aristotélica não postula a existência de arquétipos ou formas anteriores à criação sensível como a base pela qual uma divindade criadora moldou o universo. As Formas na teoria aristotélica (com exceção de Deus e os demais Motores Imóveis, que são formas puros), são ainda da ordem do mundo sensível, sendo elas a essência que forma a base dos seres particulares, existindo por si mesma e não necessitando da ação de uma divindade sobre elas para sua expressão (ARISTÓTELES, 2015).

### **Deus como aquele que dá consistência às coisas criadas**

Por fim, faz parte da tradição cristã a ideia de um Deus que é necessário para que aquilo que foi criado tenha sua consistência, unidade e realidade. Esta ideia é expressa na carta de Paulo aos Colossenses, neste trecho, ao referir-se a Jesus: “Tudo foi criado por ele e para ele, ele é anterior a tudo, e nele tudo tem sua própria consistência” (BÍBLIA, Cl, 1,17). Novamente, na teoria peripatética a unidade e consistência das coisas conseguem ser dadas e explicadas por si mesmas através do conceito aristotélico de substância, algo que existe por si mesmo, e que tem definição e unidade, não necessitando da partilha de alguma característica da divindade proposta por Aristóteles para ter ou manter esta unidade (ARISTÓTELES, 2015). Entretanto, no neoplatonismo como foi expresso por Plotino, a possibilidade de unidade e consistência a todas as coisas criadas é apenas possível pois todas participam de alguma forma da natureza do

Bem-Uno, que além de ser o Bem Supremo almejado por todas as coisas, é também a própria Unidade, e dá a cada coisa criada esta mesma unidade e a possibilidade de continuarem existindo enquanto algo coeso e definido (PLOTINO, 2002).

### **Considerações Finais**

É possível perceber o quanto os conceitos platônicos e neoplatônicos da divindade associam-se, de forma geral, mais facilmente a concepção cristã de Deus do que a ideia aristotélica do divino. As noções de um Deus criador, uma divindade que sendo perfeita e o Bem Supremo, age, pois não pode permanecer fechada em si mesma na sua perfeição, assim como as Formas ou Ideais como base da criação do universo, e a Unidade como primeiro princípio, parecem todas encontrarem alguma ressonância em preceitos e escritos cristãos. A mesma ressonância não parece se encontrar tão facilmente na divindade totalmente fechada em si mesma, não aberta a ações no mundo e não criadora de Aristóteles.

Assim, mesmo que a totalidade da obra aristotélica tenha sido perdida no ocidente cristão durante grande parte da Idade Média, o que poderia, até certo ponto, explicar o motivo da concepção peripatética do divino não ter encontrado grande ressonância no pensamento cristão, já parecia existir desde o início uma incompatibilidade entre certas ideias referentes à divindade entre a filosofia de Aristóteles e o Cristianismo, exemplificado por uma maior adesão dos principais pensadores da Patrística à filosofia Platônica e Neoplatônica do que à filosofia Aristotélica. Isto também parece explicar por que a assimilação cristã da concepção teológica aristotélica durante a Idade Média teve que passar por modificações maiores do que a platônica e neoplatônica.

### **Referências bibliográficas**

- ARISTÓTELES. *Metafísica*: Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Gioovanni Reale. Vol. 1. Trad. Marcelo Perine. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*: Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Gioovanni Reale. Vol. 2. Trad. Marcelo Perine. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

BÍBLIA. *Bíblia do Peregrino*. Trad. Ivo Storniolo, José Bortolini e José Raimundo Vidgal. 1.ed. São Paulo: Paulus, 2017.

BOEHNER, P.; GILSON, E. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Trad. Raimundo Vier. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

PLATÃO. *Tímeu e Crítias ou a Atântida*. Trad. Edison Bini. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2012.

PLOTINO. *Tratados das Enéadas*. Trad. Américo Sommerman. 1. ed. São Paulo: Polar, 2002.

REALE, G. *História da Filosofia grega e romana*. Vol. 3. Trad. Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007a.

\_\_\_\_\_. *História da Filosofia grega e romana*. Vol. 4. Trad. Marcelo Perine. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007b.

\_\_\_\_\_. *História da Filosofia grega e romana*. Vol. 7. Trad. Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.